

A lei deve favorecer a participação directa dos cidadãos na administração da justiça e na função de julgar».

*Victor Carmo Moreira Fernando*

### FERNANDO PESSOA NOS ESTADOS UNIDOS

Disse o poeta americano Karl Shapiro, quando em 1970 a Swallow Press publicou nos Estados Unidos os *Selected Poems* de Fernando Pessoa em tradução de Edwin Honig, que o poeta português se lhe revelara como a Keats o Homero de Chapman. Não é, porém, a influência de Pessoa na poesia americana contemporânea que me ocupa aqui — se bem que esse tema de recepção literária (ou, como se diz na terminologia anglo-americana de *reader-response criticism*), se apresente fértil de realizações (difíceis, embora) a quem se interesse por esse tipo de comparatística. Um bom ponto de partida seria o próprio Honig («He had need of a way/to be himself/without being himself», “Being Somebody”, in *Inter-rupted Praise*, Metuchen, N. J./London, The Scarecrow Press, 1983, p. 33) — esse excelente poeta americano que não teve ainda a sorte (ou a desgraça...) de ser «descoberto» pela hermenêutica poética *post-new-critic*.

A origem desta nótula é ainda o II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, que se realizou, há quase um ano atrás, na Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, como atempadamente noticiou Arnaldo Saraiva no *Expresso/Revista* (10/4/83). Com o patrocínio de várias instituições — entre as quais se destacam a própria Universidade de Vanderbilt e institutos a ela ligados, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Portuguese Cultural Foundation, o Ministério da Cultura, o Instituto de Cultura Portuguesa, o Instituto Português do Livro e o Centro de Estudos Pessoaanos — e com a participação de inúmeros especialistas, estudiosos e admiradores de Fernando Pessoa, o congresso realizou-se com pleno êxito, graças à dedicada organização do decano de Literatura Portuguesa da Universidade de Vanderbilt, Alexandrino Severino, e ao apoio do seu Departamento de Estudos Espanhóis e Portugueses, na pessoa também do seu Director, o Prof. John Crispin. De 31 de Março a 2 de Abril de 1983, aquela Universidade proporcionou ainda

aos congressistas uma amostra generosa da bela hospitalidade sulista, não tendo faltado sequer a animação *country* da música, a que Arnaldo Saraiva se referiu já no *Expresso* ao falar da «outra» — essa, a pessoana, que todos nós, participantes do Congresso, mal ou bem ajudámos a tocar.

Os três dias do Congresso foram de trabalho intenso. À excepção das comunicações do primeiro dia — todas elas da responsabilidade de conhecidos pessoanos, como Eduardo Lourenço, Joel Serrão, João Gaspar Simões, Maria Teresa Rita Lopes, Robert Bréchon, ou Angel Crespo — as restantes foram apresentadas em duas séries de sessões paralelas, numa sucessão de palestras, sem dúvida estimulantes na sua maioria, mas de alguma forma prejudicadas pela escassez do tempo reservado ao debate, que sempre se espera anime congressos desta natureza. Diga-se, no entanto, em abono da organização do Congresso, que as ocasiões de convívio proporcionadas no intervalo dos trabalhos foram lugar fértil de perguntas-e-respostas e de discussão informal dos temas mais aliciantes e contribuíram para o saldo positivo destas jornadas pessoanas.

As comunicações ao Congresso arrumaram-se (ou combinaram-se) em volta das principais áreas tradicionais de estudos literários — da história literária à estética da recepção, da análise estrutural do texto pessoano à semiótica, da hermenêutica poética à literatura comparada — numa variedade de perspectivas e de pressupostos teóricos e metodológicos que incluiu a filosofia (existencial), a psicanálise (Freud/Lacan), a alquimia, a história sócio-cultural e política. Com raras excepções, de que destaco a inteligente comunicação de Norma Tasca sobre o *Interregno*, a *Obra Poética* é ainda o principal centro das atenções e, dos temas pessoanos abordados — pondo para já de parte o *Livro do Desassossego*, então acabado de publicar na íntegra —, verifica-se que a heteronímia continua a desafiar a imaginação e a capacidade crítica dos estudiosos. Se o fenómeno da despersonalização e impessoalidade, característico do modernismo, continua a ser, sobretudo para aqueles que, como eu própria (v. o texto da minha comunicação, «Interrupção Poética: Fernando Pessoa e o “Kubla Khan” de Coleridge», posteriormente publicada no n.º 9 de *Persona*), mais se ocupam de Pessoa de uma perspectiva comparada, um ponto de referência importante, modificado, embora, por considerações mais ou menos originais sobre a importância da heteronímia pessoana para a compreensão da génese poética em geral, outros preferem alargar e desenvolver ainda a tese magistralmente defendida por Eduardo Lourenço em *Pessoa Revisitado* (Porto, Inova, 1973; 2.ª ed. 1983) — a multiplicação do sujeito como a

des-presentificação da ausência do pai — em perspectivas agora enriquecidas pelo contributo post-freudiano da obra de Jacques Lacan. Será até interessante registar aqui como foram frequentes no Congresso as referências, por pessoanos de formação e orientação tão diferentes como, e.g., Arnaldo Saraiva e Emir Rodriguez Monegal, ao livro de Leyla Perrone-Moisés, acabado de aparecer justamente em Março de 1983 como «um trabalho em (sobre o) negativo que «trata do vazio», o Pessoa/Negativo ou o Vácuo/Pessoa que é Vácuo/Infinito/Existência ou o «Negativo em acção» (Cf. *Fernando Pessoa, Aquém do Eu Além do Outro*, São Paulo, Martins Fontes). Monegal, o uruguaio que há vários anos ensina literatura latino-americana na Universidade de Yale e cujo domínio da literatura universal empresta a todos os seus trabalhos uma amplidão e uma densidade invejáveis, escolheu, para falar de Pessoa, imaginar um encontro entre o poeta português e Jorge Luis Borges em Lisboa em 1923 (ano em que a família do ficcionista argentino visitou Portugal), servindo-se do confronto entre o drama-em-gente pessoano e as excentricidades autorais de Borges para uma re-problematização da questão do autor nos poetas da modernidade. Borges diria mais tarde, numa série de conferências e colóquios sobre a sua própria obra, a que presidiu em Madison (Wisconsin) no Outono passado, que o autor português da sua predilecção é Eça, e não Pessoa — que pelos vistos é para ele literalmente «ninguém»...

O ponto alto do Congresso foi, no entanto, a série de conferências iniciais, todas elas sobre o *Livro do Desassossego*. Com João Gaspar Simões a falar desta obra pessoana como «um falso diário íntimo», José Martins Garcia investigando, através dela, a questão dos géneros literários, Angel Crespo (o poeta espanhol, de tantas afinidades com nossa poesia contemporânea, que é há anos professor de literatura em Porto Rico) debruçando-se de novo sobre o problema heteronímico através do paganismo (e) do *Livro do Desassossego*, a sessão terminou com um belíssimo texto de Eduardo Lourenço, intitulado «*Livro do Desassossego* — Texto Suicida». Se, para Pessoa, a literatura era a gloriosa/torturada confissão de que a vida não basta, Lourenço ensina-nos que também para Pessoa a literatura não basta. O característico paradoxo existencial pessoano traduz-se no *Livro do Desassossego* na (equivoca resistência à) tentação da dissolução definitiva do suicídio no entre-ser do nada intercalar de Bernardo Soares — o vazio reconstituído em instância ontológica, no intenso mas sempre relutante desejo-de-ser (ou, pessoanamente, n'a *Ancia*).

Dos trabalhos do Congresso se conclui, como de qualquer outro congresso dedicado a qualquer outro grande poeta, que o estudo da poesia é a consciência da fluida historicidade da palavra, à revelia do impulso crítico suasório para a fixar no tempo e no espaço do texto: a consciência mesma — e a esperança — da necessária continuidade da nossa tarefa de estudiosos de literatura. Nunca estará tudo dito — e as *Actas* deste Congresso, cuja publicação se anuncia para breve, aí estarão a confirmá-lo.

*Maria Irene Ramalho de Sousa Santos*

#### CONFERÊNCIA EUROPEIA SOBRE NOVAS FORMAS DE COOPERAÇÃO

A Conferência Europeia sobre Novas Formas de Cooperação, realizada em Steinkjer, na Noruega, de 15 a 19 de Agosto de 1983, foi organizada pelo Regional College of Nord-Trondelag e pelo Rural Research Group da Universidade de Trondheim e constituiu um interessante *forum* de discussão acerca da, hoje indesmentível, nova etapa da afirmação das formas cooperativas na Europa.

Ao reunir 38 investigadores de diferentes áreas disciplinares e de diferentes experiências, que apresentaram 25 comunicações, esta Conferência revelou a importância crescente que o fenómeno cooperativo vem ganhando na investigação do âmbito das ciências sociais e tornou também claro que este interesse decorre fundamentalmente do novo sentido que estas manifestações têm vindo a assumir face à complexificação crescente da organização da vida económica e social.

O ponto de partida foi a constatação de que, na última década, em muitos países europeus se assistiu a uma «nova vaga» de cooperação. Na agricultura, a principal vitalidade verificou-se em esferas de actividade produtiva habitualmente pouco marcadas pelas instituições cooperativas «tradicionais»; na indústria, são os diferentes tipos de cooperativas de produção; nas comunidades é o papel desempenhado pelas formas autogeridas, cujo desenvolvimento, baseado no alargamento das relações de vizinhança, conduz a novas maneiras de intervenção na organização do modo de viver. Numa pluralidade de formas o mesmo objectivo: conjugar esforços ao nível de base para atingir metas comuns de ordem económica ou cultural.